O método teológico de Bruno Forte

Pedro Igor Leite da Silva[1]

Resumo
O presente trabalho traz a reflexão sobre elementos constitutivos da obra teológica de Bruno Forte. Antes de apresentar um tema em específico, é fundamental perscrutar o horizonte linguístico, epistêmico e metodológico do autor, a fim de se ter em conta a inteireza de seu pensamento. Aí é possível perceber o seu diálogo com a filosofia e sua compreensão trinitária da história. Para ele, antes de ser um tema, a Teologia da História é um método, pois a partir dela se pode olhar para todo o compêndio do tesouro da fé.
Palavras-chave: Teologia. Método. História.

Introdução

Bruno Forte é um dos maiores teólogos italianos dos últimos tempos. Esta afirmação se deve, de um lado, à ampla atividade teológica exercida por ele e, de outro, à profundidade com a qual as temáticas são abordadas. Mais do que apresentar teologias, convém que estas estejam justificadas e radicadas com seriedade epistêmica e metodológica.

Bruno Forte, ao se apropriar de teorias de métodos teológicos disponíveis para além da Europa, faz de sua Teologia da História o caminho da leitura e interpretação dos tratados e os relê a partir da busca de sentido do ser humano que pisa o chão da pós-modernidade. Assim sendo, convém delimitar os conceitos básicos que caracterizam sua teologia e a distinguem, bem como demonstrar sua concepção de sujeito e objeto, lida à luz de sua compreensão teológica.

Tal esboço, antes de ser uma apresentação de um tema teológico em si, é o esclarecimento de que, por trás do desenvolvimento teórico do autor, existe um esboço pensado e defendido epistemologicamente, com recursos metodológicos que estruturam o desvelamento do objeto próprio da ciência em questão.

[1] Mestrando em Teologia – UNICAP. Bolsista CAPES/PROSUC. Colabora com a equipe editorial da Revista FRONTEIRAS de Teologia da UNICAP. E-mail: padrepedroigor@gmail.com

1 Conceitos básicos da teologia fortiana

Bruno Forte é doutor em teologia e em filosofia, o que justifica sua preocupação acertada em fundamentar o esquema teológico a partir de um pensamento filosófico, superando-o, em alguns casos, por causa da Transcendência. Aproxima-se de pensadores que refletem sobre a história como indispensável para o pensamento cristão. Entre eles está o napolitano Giambattista Vico (1668-1744), autor de Ciência Nova, para quem a história se desenvolve de maneira cíclica, percorrendo três etapas sucessivas: a idade dos deuses, a idade dos heróis e a idade propriamente humana[2]. Dialoga constantemente com Hegel e sua estrutura de pensamento, embora o critique por causa da insuficiência quando o filósofo alemão identifica, sem mais, o Absoluto com a história[3] (mesmo assim, apropria-se da estrutura ternária da dialética hegeliana – tese, antítese e síntese – para desenvolver o seu pensar teológico).

Quanto às influências teológicas, sempre buscando a síntese entre pensamentos, Forte percorre a Teologia da História de Agostinho, para quem Cristo é visto como o centro cronológico e escatológico do tempo, em relação ao qual o passado é "eterno passado', exatamente porque, no encontro com ele, só há lugar para o 'hoje' de Deus. (...) O amanhã é o espaço sempre novo da decisão por Cristo" (FORTE, 2018, p. 22) e aí, nesses intervalos, haveria o chamado à conversão (entre o passado e o presente) e à vigilância-esperança (entre presente e futuro). Do bispo de Hipona, chega ao abade calabrês Joaquim de Fiore, que baseia o evoluir do tempo histórico no eterno processo das Pessoas divinas. A novidade da concepção de

[2] Cf. VICO, 1979, 22. Vico cria um princípio universal de história e se afasta da filosofia cartesiana, afirmando que o homem não é somente razão. Forte afirma, comentando o pensamento do filósofo seu conterrâneo: "Seu anticartesianismo é sobretudo rejeição de que o homem seja somente razão, em nome da recuperação do sentimento, da intuição, da fantasia e da própria razão como razão concreta. O 'cogito' é mera constatação de presencialidade, mas não pode ser critério exclusivo ou fonte de conhecimento" (FORTE, 1991, pp. 112-113). O próprio Bruno Forte, no livro entrevista, fala de sua ligação com o pensamento de Vico (cf. FORTE, 2013, 11).

[3] Bruno Forte, ao ser perguntado sobre sua suposta dependência de Hegel, responde: "O pensamento do idealismo hegeliano é um elemento que, na minha opinião, não se pode deixar de ter em conta nos dias de hoje. (...) é preciso perguntar qual é o limite trágico do hegelianismo, que devo dizer honestamente nos meus escritos sempre condenei claramente, sem lhe minimizar a importância. É a presunção de uma equação total entre o Absoluto e a história" (FORTE, 2013, 150). E, na Teologia da História, afirma: "A ambiguidade profunda da visão hegeliana da história está na perda da abertura para a Transcendência numa espécie de triunfo báquico da subjetividade, embora aquela visão tivesse desejado tudo, menos desconhecer as suas origens teológicas cristãs" (FORTE, 2018, p. 34).

Joaquim de Fiore, no dizer de Forte é que

> ele liga a vivência humana às suas raízes eternas e capta o evoluir dos tempos não como suspenso no nada e, portanto, envolto em insensatez, mas como baseado no procedimento das próprias Pessoas divinas, num movimento de vida que provém de algo que é mais do que a história e, dentro da história, tende a algo que a supera. A Trindade passa a ser o sentido e a força da vivência humana, a Origem, o Lugar adoravelmente transcendente e a Pátria da história do mundo (FORTE, 2018, p. 27).

Entre Agostinho e Joaquim, Bruno Forte percebe continuidades e descontinuidades. Em relação ao primeiro, percebe certa tendência pessimista, tanto em relação à história, quanto à concepção de ser humano, isto baseado no absolutismo cristológico e no seu radicalismo de neófito. Essa visão estreita, mostra Forte: "continua problemática a autonomia das realidades terrenas, a dignidade e consistência do tempo histórico dentro de sua continuidade e complexidade, mesmo prescindindo da decisão qualificadora por Cristo" (FORTE, 2018, p. 25). Já Joaquim de Fiore supera o absolutismo do Cristo em favor da visão mais propriamente trinitária das situações ou das fases da história (FORTE, 2018, p. 25), embora também aí veja uma tendência a certa ingenuidade e simbolismos forçados (FORTE, 2018, p. 28).

É daí, portanto, que vão nascer três conceitos que são fundamentais em toda sua Teologia da História que é, também, pode-se dizer, um ensaio sobre a Revelação e, portanto, sobre a Teologia Fundamental[4]. Tais conceitos são: Advento, Êxodo e Encontro. Entrementes, para entendê-los, Forte percorre um caminho a partir da lógica da apologética, enquanto palavra de resposta (FORTE, 1991, p. 10). A teologia é, na verdade, pergunta e reposta em tempos diversos. O tempo presente, no entanto, não mais se satisfaz com a apologética da objetividade, "cuja preocupação é defender e promover os direitos da verdade em si diante da mutabilidade dos tempos" (FORTE, 1991, p. 11), nem com a apologética da subjetividade ou da imanência que "empenha-se em perceber os dinamismos profundos que abrem o coração do homem à acolhida da verdade" (FORTE, 1991, p. 11). Para Forte, urge uma apologética da síntese ou, em

[4] A Teologia da História para Bruno Forte é constituída por três fases: A Revelação, Início e Consumação. Em relação a primeira fase, Forte argumenta que a Trindade é o seu objeto puro. E mais: esta Trindade é simultaneamente sujeito e objeto da revelação: princípio formal, além de conteúdo desta (FORTE, 2018, p. 48-49).

suas palavras, do encontro, que seria uma apologética do êxodo e do advento, que "se volta para a concretude da história, (...) onde (...) pode realizar-se o encontro, onde o coração do homem se abre à verdade e a verdade ao coração do homem" (FORTE, 1991, p. 12).

Esta tríplice referência estará presente em grande parte de sua obra. O Advento é a imagem do Deus que desce, o eterno que habita a história e o coração do homem, a Trindade que se revela. O Êxodo é a condição mais íntima do ser humano, visto como criatura exodal ou em constante êxodo, mudança, abertura, conversão. O mistério cristão, assim, nada mais é que o Encontro entre o vir de Deus e o êxodo do ser humano, que se dá na concretude da história.

> O advento do Deus vivo visita o êxodo do condicionamento histórico, abrindo-o – mediante a fé e a esperança – para o sentido possível e sempre novo: o amor. O êxodo é atingido e desafiado pela única realidade nova debaixo do sol deste mundo: o encontro gratuito e libertador do Eterno. A cruz do Ressuscitado, envolta pelo Silêncio e aberta para o Encontro, atinge, acompanha e transforma a cruz da história (FORTE, 2018, p. 8).

Assim sendo, este vir de Deus que se encontra com o êxodo da humanidade, abre duas questões: de um lado, é um vir trinitário, cuja revelação não é apenas um exibir racional e frio, sem reservas, mas antes, é "um desvelar-se, que vela; um vir, que abre caminho; um mostrar-se no retrair-se, que atrai" (FORTE, 2018a, p. 176) e, de outro, este encontro acontece tendo como cenário hermenêutico o mistério Pascal, isto é, superando as respostas totalizadoras das ideologias, a cruz do tempo (marcado pelo niilismo, busca de sentido e a depressão) é iluminada pela cruz do Filho. O anúncio da páscoa nega a vitória do nada: a morte da morte resplandece como horizonte de sentido para a criatura exodal. Assim, "'a teologia da história' não é senão o esforço de justificar – ante a cruz do tempo – essa esperança suscitada pela cruz do Filho de Deus" (FORTE, 2018, p. 10). Desse modo,

> o silêncio da Sexta-feira Santa é o local em que o advento, com toda a indedutível novidade que o caracteriza, encontrou-se com o êxodo da condição humana e com toda a profundidade e peso de suas contradições e imperfeições, resumidas na "palavra-resumo" da finitude humana: a morte. A eloquência do silêncio do Crucificado ante a "cruz do tempo" é que dá origem a qualquer possível "teologia da história" (FORTE, 2018, p. 10).

A revelação trinitária da páscoa é o centro metodológico da teologia fortiana. A partir de tal revelar-se se pode iluminar retrospectivamente o início e a realidade da criação e, prolepticamente ou por antecipação, a consumação ou o cumprimento em suas formas mais variadas. A Trindade, desta feita, como sendo imagem do Advento divino, é entendida como origem e habitação do homem e do mundo (princípio, pois, de uma ética e espiritualidade) e como sentido e pátria do sujeito histórico e de toda a realidade terrena (FORTE, 2018, p. 7).

2 Concepção de teologia e sua constituição interna

Forte entende a teologia como "consciência reflexiva da fé no seu ser memória poderosa do advento" (FORTE, 1991, p. 175). Tal afirmação traz em seu bojo uma complexidade não captada em primeira instância. Aí está, de forma implícita, o método vindo do "reverso da história" pensado por Gustavo Gutiérrez, nome íntimo da Teologia da Libertação. Sem rodeios, contudo, sem referência textual – pelo menos aqui – o teólogo italiano diz, explicando sua teologia:

> ato livre e libertador, a fé é garantia de liberdade e da força libertadora do seu pensamento reflexivo, a teologia; memória atualizante da história de Deus com o homem e do homem com Deus, a fé torna a teologia, o seu momento "segundo", consciência crítica da história, interpretada, construída e acolhida como história da salvação (FORTE, 1991, p. 175).

Para Gutiérrez, "o método teológico caracteriza-se, fundamentalmente, pelo primado da *práxis*. Esta constitui o 'ato primeiro' a ser refletido pela teoria teológica, 'ato segundo'" (AQUINO JR, 2012, p. 41). Bruno Forte, no entanto, não desenvolve uma teologia propriamente da *práxis*, mas entende a fé não resumida ao conjunto positivo de doutrinas. Antes, para ele, a fé é memória (perigosa): "na fé, a teologia não mais é apenas hipótese de sujeito isolado, mas linguagem de um povo, memória crítica da comunidade da aliança" (FORTE, 1991, p. 175).

Vista assim, a teologia tem momentos ou notas que formam uma unidade viva: companhia, memória e profecia, que podem ser lidas a partir das virtudes teologais, interconectadas com as próprias pessoas da Trindade: a Caridade evoca na criatura a iniciativa do amor do Pai (companhia); a Fé é a imagem da eterna acolhida do amor e da obediência que são próprias da existência do Filho (memória) e a Esperança é a

abertura e antecipação do novo na unidade da vida que avança, simbolizada pelo Espírito – nexo de amor eterno e êxtase de Deus que se derrama na história do mundo.

Este exercício de teologizar, fruto da unidade vital entre as virtudes teologais, ou as Pessoas da Trindade, ou as notas da teologia, é acompanhado por dois movimentos constitutivos que estão presentes como que a emoldurar o ato teológico: o descendente da epiclese e o ascendente da doxologia. O primeiro é caracterizado pela liberdade do Deus que vem e suscita o desenvolvimento da teologia a partir da oração, da santidade e da beleza. O segundo é a resposta ao movimento descendente da Graça: a existência teológica é percebida como serviço e como adoração celebrante (FORTE, 1991, p. 196-203).

Sujeito dessa teologia é Aquele que, no encontro, tem a iniciativa absoluta: o Deus vivo e santo, o Espírito que é comunicado aos homens. Porém, Forte alarga a compreensão de sujeito. Para ele, a Igreja que é reunida e suscitada pelo Espírito também é, em certo sentido, sujeito visível e histórico. A via de contemplação sobrenatural, formada pela escuta da fé e promotora de uma teologia popular encontra espaço dentro dessa larga compreensão de sujeito. Aí também se encontra o teólogo profissional que expressa Deus com suas palavras e sentimentos e o Ministério Pastoral da Igreja, entendido como o Magistério, que é chamado à escuta do Advento e às novidades do movimento do êxodo humano (FORTE, 1991, pp. 134-143).

O Objeto da Teologia, no pensamento de Forte, é o mistério em toda a sua densidade bíblica e patrística (FORTE, 1991, p. 144). O Advento vem em primeiro lugar por ser expresso antes de tudo. Entrementes, ao mesmo tempo em que é ciência da revelação, a teologia é entendida como ciência da salvação, o que a motiva "reter juntos o pensamento do advento e do êxodo, como pensamento de seu encontro, realizado uma vez para sempre em Jesus Cristo e atualizado no Espírito Santo; neste sentido, o seu objeto é o Cristo total" (FORTE, 1991, p. 144).

Considerações finais

A pertinência da teologia de Bruno Forte se dá pela sua capacidade de dialogar com as realidades do tempo presente. Antes de apresentar um arcabouço fechado

em sua positividade, mostra com beleza poética e profundidade espiritual, o percurso da história da salvação reencantando os sombrios ares da pós-modernidade que tateia em busca de sentido.

A inserção da Trindade no campo da História faz com que haja uma abertura que é, por si mesma, contrária ao absolutismo do Advento ou do Êxodo, como em tempos anteriores. Antes, a ideia da síntese que nasce do encontro real, concreto e libertador de Deus com o ser humano é ato de descoberta das potencialidades inauditas de um e de outro. Deus se revela como comunhão de Pessoas e o homem e a mulher são chamados à comunhão com a obra criada.

A teologia pensada pelo bispo napolitano tem, pois, três finalidades: pensar o Advento, porque ela é especulativa por sua natureza; pensar o Êxodo, porque a reflexão dissociada da problematização da vida e sem a orientação da história se resume a uma metafísica abstrata; e, como tentativa de provocar a Igreja em sua constante renovação, pensa a aliança entre Êxodo e Advento, fazendo de tal diálogo um movimento de fluência dinâmica entre o descer e o subir, na horizontalidade da história.

Referências

AQUINO JUNIOR, Francisco de. *Teoria teológica* – práxis teologal. Sobre o método da Teologia da Libertação. São Paulo: Paulinas, 2012.

FORTE, Bruno. *A Teologia como companhia, memória e profecia*. São Paulo: Paulinas, 1991.

FORTE, Bruno. Uma teologia para a vida. Fiel ao céu e à terra. São Paulo: Paulus, 2013.

FORTE, Bruno. *Teologia da História*. Ensaio sobre a revelação, o início e a consumação. São Paulo: Paulus, 2018 – 2ª reimpressão.

FORTE, Bruno. *A Transmissão da Fé*. São Paulo: Loyola, 2018 (Theologica)

VICO, Giambattista. Princípios de (uma) ciência nova. Acerca da natureza comum das nações. Trad. Antônio Lázaro de A. Prado. São Paulo: Abril, 1979 (Os Pensadores).